

**A fotografia como registro  
antropológico das mulheres líderes  
no Sertão Central do Ceará**

**Fernanda Oliveira  
Cristiana Parente**

# A fotografia como registro antropológico das mulheres líderes no Sertão Central do Ceará\*

## Photography as anthropological record of leader females in inland central Ceará

Fernanda Oliveira\*\*

Cristiana Parente\*\*\*

---

**Resumo:** *Nos últimos anos, no sertão do estado do Ceará, tem ocorrido mudanças nas relações de gênero. Mulheres que se descobrem líderes têm transformado a história de suas comunidades e contribuído para o despertar de uma nova cultura. Documentar a realidade destas mulheres, usando a fotografia como registro antropológico, é o objetivo deste trabalho. Ele documenta experiências de mulheres líderes nos assentamentos do PDHC – Projeto Dom Hélder Câmara na cidade de Quixeramobim, no Sertão Central do Ceará.*

**Palavras-chave:** *fotografia; etnografia; antropologia visual; relações de gênero.*

**Abstract:** *In the last few years, in the inland of Ceará state, changes have occurred in gender relations. Women who find themselves leaders are producing modifications in the history of their communities and contributing to the development of a new culture. Recording the lives of these women through photography as anthropological resource is the objective of this work. It covers the experiences of leader women in the landless settlements of PDHC – Projeto Dom Helder Câmara in the city of Quixeramobim, in central inland Ceará.*

**Key-words:** *photography; ethnography; visual anthropology; gender relations.*

---

\*Este artigo é uma apresentação parcial da monografia *Ensaio fotográfico etnográfico no Sertão Central do Ceará: as mulheres líderes em assentamentos do Projeto Dom Hélder Câmara – PDHC*, defendido em 2005. A monografia foi premiada na categoria Publicação em Fotografia pela SECULT – Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Ceará, em 2006. Em 2007 o projeto ganhou caráter de exposição, sendo agraciado com o Prêmio da Galeria CAL – Casa da Cultura da América Latina da UnB – Universidade de Brasília.

\*\*Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda pela UNIFOR – Universidade de Fortaleza. Aluna do curso de pós-graduação em Teoria da Comunicação e da Imagem da UFC – Universidade Federal do Ceará. Repórter fotográfica do jornal *Diário do Nordeste*, de Fortaleza. Professora de fotografia e fotojornalismo do SENAC/Fortaleza.

\*\*\*Mestre em Sociologia pela UFC – Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora e coordenadora do NEAD – Núcleo de Educação à Distância da UNIFOR – Universidade de Fortaleza.

## Introdução

No sertão do Ceará, a 200 km da capital, vivem mulheres que se descobriram líderes. Na cidade de Quixeramobim há três assentamentos rurais assistidos pelo Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC), cujo objetivo é fomentar atividades de desenvolvimento na região semi-árida brasileira.

As mulheres, a partir das atividades do projeto, foram despertando para características potenciais de liderança. Suas tarefas domésticas começaram a se aliar a outros papéis dentro da comunidade, fazendo que se tornassem líderes de sindicatos de trabalhadores rurais e de grupos femininos de produção rural. Papéis que, na medida em que eram desempenhados, levavam-nas para além das funções de mãe e esposa. As relações das mulheres com esses movimentos comunitários são o objeto de estudo deste trabalho.

A fotografia foi escolhida como instrumento revelador desta nova realidade, não apenas como registro, mas como fonte de informação. Esta importante fonte de pesquisa etnográfica e antropológica é o principal elemento deste trabalho. A antropologia aplicada não é apenas um meio de ver e registrar as coisas do mundo. É um modo de participar das mudanças constantes de uma cultura e também de discutir sobre a afetividade humana e os sentimentos.

A fotografia, ao longo do tempo, tem se tornado um importante instrumento de pesquisa em várias áreas. Na antropologia, tem conquistado cada vez mais espaços.

A antropologia vem se abrindo para novas metodologias e para práticas de pesquisa, e a antropologia visual, em especial, vem discutindo o quanto a narrativa da visualidade fornece muito mais que dados: ela é parte integrante do nosso entendimento. [...] A imagem, hoje, não pode mais estar separada do saber científico. A antropologia não dispensa os recursos visuais – e não são recursos apenas como um suporte de pesquisa, mas imagens que agem como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural. [...] A antropologia visual não almeja,

dentro dos novos padrões de pesquisa, apenas esclarecer o saber científico, mas humanisticamente compreender melhor o que o outro tem a dizer para outros que querem ver, ouvir e sentir. (ANDRADE, 2002, p.110).

A câmera fotográfica é um instrumento esclarecedor, norteador e modificador da compreensão humana. Tem a imprescindível capacidade de documentar a realidade – dela immortalizando fragmentos espaço-temporais – e a importante função de escrever a história e registrar as características de um povo para as gerações futuras que quiserem conhecer as bases de suas culturas, o começo de sua história. Com isso, mostra uma realidade passada – mas ainda presente – sempre ao nosso alcance.

É nato do ser humano o ato de pensar com imagens e escrever sua história não só com textos, mas também por meio de imagens. Compreender ou não as nuances de uma figura, decodificando os seus significantes, é uma etapa do processo de alfabetização visual.

Em toda a vida moderna se percebe o efeito da fotografia como um aspecto da realidade. Num certo sentido pensamos fotograficamente e, certamente nos comunicamos fotograficamente. A linguagem não-verbal do realismo fotográfico é a mais entendida inter e transculturalmente. Esta facilidade de reconhecimento é a razão básica para a câmara ter tal importância antropológica. (COLLIER JÚNIOR, 1973, p.6).

A câmera fotográfica torna-se instrumento poderoso de captação e registro da realidade dentro das ciências, no nosso caso, em especial na antropologia. Por esses motivos a fotografia tem sido uma forte aliada no campo das pesquisas antropológicas e etnográficas, conquistando um lugar dentro das ciências iconográficas.

A visualidade enriquece os dados de uma pesquisa antropológica. O uso da imagem, como documento e fonte de pesquisa, tem se intensificado e consolidado nas últimas décadas. A fotografia, importante suporte de registro da realidade, contribui para apurar fatos e transformar realidades cotidianas em dados de análise. Ela funciona como uma espécie

de memória visual do pesquisador e extrapola sua função primeira, a do registro. Hoje, não se fala da fotografia apenas como registro visual do objeto de estudo, mas também na sua complexidade como fonte de informação, comunicação e contextualização.

O poder de registro e construção da memória pela fotografia é um dos principais motivos de ela ser – cada vez mais – utilizada em processos de pesquisa de campo.

A memória do filme substitui o livro de anotações e realiza regunstração completa em circunstâncias as mais difíceis. A operação repetitiva que a câmara assegura permite a observação comparada de um acontecimento tantas vezes quanto forem necessárias à pesquisa. [...] Além de ser um controle da memória visual, também permite um controle absoluto da posição e identificação numa situação de mudança cultural. (COLLIER JÚNIOR, 1973, p.7).

Outro fator importante agregado à imagem, que se torna um forte aliado nesse tipo de trabalho, é sua credibilidade. Ela sempre foi – e sempre será – um dos aspectos mais valorizados na fotografia. Mesmo sofrendo com questões éticas de manipulação e distorção da realidade, dificilmente se consegue quebrar a característica “crível” de uma imagem.

Debord, citando Feuerbach, descreve esse processo de conquista da imagem em relação às sociedades.

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a ilusão é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta a medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o cúmulo do sagrado. (FEUERBACH apud DEBORD, 1997).

Sua intensa característica de dar credibilidade aos fatos, contudo, não garante neutralidade à fotografia. Pelo contrário, ela traz consigo sempre uma mensagem cheia de significados e sentidos, dentre eles os valores de seu autor. É impossível dissociar totalmente obra e criador; eles sempre

estão interligados. O criador sempre terá um olhar seletivo e pessoal, mas nem por isso uma imagem sua deixa de ter credibilidade. Até mesmo porque se a fotografia existe é porque o fato de alguma maneira ocorreu.

Longe de ser um objeto neutro, a fotografia acolhe significados muito diferentes, que interferem na codificação e nas possíveis decodificações da mensagem transmitida [...] a ambigüidade da imagem não é diversa da ambigüidade da realidade. (LEITE, 1998, p.40).

Mesmo que uma imagem não represente fidedignamente a realidade, certamente irá registrar um momento existente. Sem dúvida, a fotografia é essencial no processo de pesquisa, somando a ele valores que se tornarão dados, que muitas vezes passam despercebidos pelo pesquisador desprovido de uma câmera fotográfica.

Quanto ao valor da imagem em projetos de pesquisa, Darbon (citando e refletindo Goodman), acredita que um momento pode ter vários olhares, diferentes maneiras de ver a mesma realidade. Cabe ao pesquisador ter discernimento e ética no seu trabalho.

Para fazer uma imagem fiel, copiem o objeto tal como é tantas vezes quantas possível. Essa recomendação simplista me desconcerta; pois o objeto na minha frente é um homem, um enxame de átomos, uma organização de células, um violonista, um amigo, um louco, e muitas outras coisas. Se o objeto tal como é não é nenhuma dessas coisas, o que pode, ainda, vir a ser? Se todas são maneiras de ser, então nenhuma é a maneira de ser do objeto. Não posso copiá-las todas ao mesmo tempo; e quanto mais próximo estaria de conseguir, menos o resultado seria uma imagem realista. (DARBON, 2005, p.99).

O uso de imagens nas ciências sociais não é tão recente. Ao contrário, é um recurso relativamente antigo e bastante freqüente, sobretudo na antropologia. Porém, até pouco tempo, elas eram utilizadas apenas como instrumento auxiliar. Agora, trata-se de tomá-las como fontes de pesquisa, mesmo que para tanto seja necessário enfrentar desafios.

Em *As mulheres líderes em assentamentos do PDHC*, a fotografia foi o principal instrumento de trabalho. A câmera fotográfica tornou-se uma parceira indissociável da pesquisadora e da própria pesquisa. Na medida em que eventos e experiências eram registrados, tornava-se mais forte a sensação de etnografar<sup>1</sup> o cotidiano dessas mulheres, seu contexto e suas características simbólicas.

## Fotografia etnográfica

Segundo Geertz (1989), a prática da etnografia não significa apenas estabelecer relações, mapear campos e manter um diário. Para ele, a prática se define quando o objeto da etnografia representa um conjunto de significantes dos quais as ações e fatos são produzidos, percebidos e interpretados. Esse conjunto de significantes é apresentado como estruturas inter-relacionadas, em múltiplos níveis de interpretação.

O etnólogo<sup>2</sup> tem como objetivo observar os modos como determinados grupos sociais vivem suas rotinas. Ele anota, documenta, monitora e busca encontrar sentidos para o comportamento e ações do grupo observado para depois descrevê-las em suas publicações. A descrição etnográfica depende muito de como é a observação, de como é vivida a sensibilidade ao outro, do nível de conhecimento acerca do objeto de estudo e da capacidade científica do pesquisador.

A realização de *As mulheres líderes nos assentamentos do PDHC* demandou uma série de estudos prévios: fotografia etnográfica; papel e forma de atuação do fotógrafo pesquisador; etnografia do sertão cearense; relações de gênero; significado de mulheres em situação de liderança; e o Projeto Dom Hélder Câmara.

<sup>1</sup>O verbo etnografar não existe. Em tese seria um neologismo, mas, na realidade, trata-se apenas de uma liberdade poética de conjugar o objeto de estudo dos etnólogos.

<sup>2</sup>Neste trabalho, será utilizada a terminologia etnólogo para designar os estudiosos de etnologia. Contudo, vale destacar que a terminologia etnógrafo também é utilizada para designá-los.

Primeiro se fez um levantamento bibliográfico dos temas que seriam trabalhados (antropologia visual, etnografia, relações de gênero, lideranças e outros). Em seguida foram mapeados e delimitados os assentamentos nos quais as mulheres líderes seriam acompanhadas em suas rotinas: quem eram as mais atuantes, por que se destacaram, o que as motivava, etc. Por fim, partiu-se para o trabalho de campo, com o início das visitas, primeiros contatos, inserção na comunidade, entrevistas e ensaios fotográficos.

A proposta do trabalho era acompanhar de perto a rotina de mulheres líderes dos assentamentos de Quixeramobim, mantidos e assistidos pelo projeto. Desse acompanhamento resultaram ensaios fotográficos de quatro líderes: Sueli Paz, do assentamento Alegre; Maria das Dores, do assentamento Caraíbas; Rocicler Nobre e Maria de Araújo, ambas do assentamento Vista Alegre.

As visitas foram constantes aos assentamentos em 2005. Nos primeiros seis meses de 2006, a frequência passou a ser de dois finais de semana sim e um não. Com as entrevistas realizadas e os ensaios fotográficos produzidos, as visitas ficaram mais espaçadas (um final de semana por mês). Em 2007, já no processo de finalização do trabalho, foram realizadas apenas duas visitas.

Durante todo o tempo de realização das visitas, as percepções de vida das mulheres líderes eram cuidadosamente anotadas numa espécie de “diário de campo”. O comportamento da pesquisadora, inserida numa realidade que não exatamente a sua, também era criteriosamente anotado, pois Malinovski (1962 apud ANDRADE, 2002), acreditava que o etnólogo deveria experimentar e vivenciar a cultura da população estudada para, somente assim, entender seus significados.

Nas primeiras visitas já era perceptível que as mulheres assentadas estavam à espera da pesquisadora, como se esperassem uma visita. Apesar da receptividade, a pesquisadora era uma estranha naquela realidade e, por isto, algumas vezes no início dos trabalhos, foi tratada como tal. Alguns encontros foram o bastante para que ambas as partes – pesquisadora e pesquisadas – entendessem e respeitassem os comportamentos individuais. Esse respeito, logo acrescido de credibilidade, foi importante para que a



pesquisadora pudesse captar momentos de espontaneidade das entrevistadas. Mas, até que essa cumplicidade ocorresse, foi preciso que a fotógrafa pesquisadora se familiarizasse e se “infiltrasse” no cotidiano das entrevistadas, até se tornar quase “íntima” de suas rotinas. Com isso, as mulheres líderes fotografadas se acostumaram com a presença da pesquisadora a ponto de muitas vezes não a perceberem por perto ou de não se incomodarem ou intimidarem com sua presença nem com seu instrumento de pesquisa. Em alguns momentos, já então familiarizadas com a pesquisadora e sua câmera fotográfica, chegaram inclusive a comentar umas com as outras: “mas essa menina gosta de tirar foto, de tudo ela bate foto”. Graças a essa aceitação de ambas as partes, algumas imagens de caráter mais íntimo puderam ser feitas em momentos de descontração, como a na cozinha de dona Maria de Araújo (figura 1), na hora do almoço, num momento em que ela conversava com seu marido.



*Figura 1 - Maria de Araújo, do grupo de mulheres do Assentamento Vista Alegre  
Foto: Fernanda Oliveira - 2005*

Eu estou no segundo casamento [...], meu homem é feito pra pegar mesmo. Aqui no interior tem muito homem que tem mais de uma mulher, pra mim um homem basta, mas se o homem tem direito a ter várias mulheres, o mesmo direito temos nós. Ao meu homem, eu dou o que recebo. (ARAÚJO, 2007).<sup>3</sup>

<sup>3</sup>Maria de Araújo. Entrevista concedida à Fernanda Oliveira em 2007.

A relação de proximidade entre pesquisadora e pesquisados contribuiu de forma decisiva para a obtenção de imagens mais autênticas, mais próximas do dia-a-dia de suas realidades. Com isso, boa parte das imagens extrapolou o mero registro iconográfico e permitiu avanços iconológicos, importantes para qualquer estudo etnográfico.

## Relações de gênero X mulheres líderes

Na agricultura do sertão cearense – ainda de âmbito familiar, na maioria dos casos – a divisão de trabalho e as atividades realizadas caracterizam hierarquicamente as relações de gênero e os papéis assumidos por homens e mulheres dentro da comunidade. As relações de gênero têm como definição a observação e conhecimento das diferenças sexuais, pois as pessoas nas sociedades criam conceitos sobre o que é masculino e o que é feminino. Com isso, estabelecem-se também as idéias de como deve ser a relação entre homem e mulher, entre as mulheres e entre os homens. (PEIXOTO, 2004).

Neste sentido, um dos principais pontos enfocados pelos estudiosos é a divisão de tarefas, as funções de homens e mulheres no mundo do trabalho. A divisão sexual do trabalho refere-se às atividades exercidas distintamente por homens e mulheres na sociedade, de acordo com a cultura e o modo de vida de cada comunidade. Essas atividades são classificadas em produtivas (ao serem realizadas produzem bens de consumo e serviços, em troca de remuneração) ou reprodutivas (realizadas no espaço doméstico).

Na maioria das vezes, as mulheres são as responsáveis pelas atividades reprodutivas, mas são pouco valorizadas por este tipo de trabalho. Não raro, as atividades produtivas são exercidas por ambos os sexos, tanto a mulher quanto o homem realizam tarefas “fora de casa” que geram renda, ou seja, retorno financeiro. (PEIXOTO, 2004).

Durante séculos, as relações de trabalho no sertão cearense subordinaram hierarquicamente as mulheres ao jugo do homem. A elas

cabiam as atividades reprodutivas, parte das atividades produtivas e subserviência ao pai, aos irmãos ou ao marido. De acordo com Portella, Silva e Ferreira (2004), tudo era negado às mulheres, da identidade aos direitos. Este cenário começou a mudar a partir da década de 80, quando elas começaram a se organizar em comunidades de trabalhadoras rurais, mas ainda há muito que avançar.

Hoje, no sertão cearense, ainda é grande o número de mulheres submissas a seus maridos, que têm medo de sua autoridade e por eles são proibidas de participar dos grupos de mulheres ou quaisquer outras atividades que não sejam exclusivamente domésticas. Também é grande o número das que não possuem documento (carteira de identidade), o que caracteriza uma forma de concentração da posse da terra apenas em nome do homem.



*Figura 2 - Campanha pelo direito da mulher à identidade. A Caixa Econômica Federal, associada ao PDHC, montou um ponto de apoio no sertão para receber o cadastro de mulheres de todos os assentamentos da região*

*Foto: Fernanda Oliveira - 2006*

Contudo, algumas mudanças vêm ocorrendo neste sentido, notadamente no ambiente de assentamentos rurais. Recentemente, no Sertão Central, houve uma campanha para que as mulheres tirassem suas carteiras de identidade (figura 2). Além do processo formal de identificação e resgate da cidadania, um dos objetivos da campanha era

incentivar que as mulheres participassem legalmente da posse da terra, antes registrada apenas em nome dos maridos. Em 2003, o movimento das mulheres rurais incorporou ao Grito da Terra Brasil o direito de a mulher ser reconhecida legalmente como titular de assentamentos. Isto ampliou suas vantagens perante o sistema trabalhista, assegurando-lhe, inclusive, o direito de se aposentar como trabalhadora rural.

Muitas das mudanças que acontecem em todo o país, como relata Portella (2004), e no interior do Ceará, especificamente, devem-se às organizações das mulheres. As mulheres líderes são pessoas simples, que assumem papéis de liderança em comunidades e instituições. Esta pesquisa enfocou mulheres comuns, trabalhadoras rurais que vivem em assentamentos do Projeto Dom Hélder Câmara, no Sertão Central do Ceará. São mulheres de movimentos sociais, mobilizadas em torno de projetos políticos marcados pela noção de feminilidade. Nestes assentamentos, as mulheres são escolhidas como lideranças pela própria comunidade e se tornam responsáveis pela formação e manutenção do grupo de mulheres.

Eu entendi que se a gente se organizasse seria mais fácil, por isso que eu defendo o coletivo. A gente tem que tá sempre unido, reunido e organizado. Porque senão, com o individual, você não consegue nada. [...] Hoje é diferente, hoje quando eu vejo que não tá certo, eu vou à escola, faço reivindicação e, se for preciso, vou às ruas. Mesmo jeito no hospital, mesmo jeito em qualquer canto... Ser presidente é um trabalho muito sério, requer muito o seu tempo. (PAZ, 2005).<sup>4</sup>

Quatro mulheres, três líderes e uma chefe de grupo, tiveram sua rotina acompanhada de perto – e fotografada – pela pesquisa. São elas: Sueli Paz (figura 4), do Assentamento Alegre, Maria das Dores (figura 5), do Assentamento Caraíbas, Rocicler Nobre (figura 6) e Maria de Araújo (figura 1), ambas do Assentamento Vista Alegre. Com o intuito de buscar

<sup>4</sup>Sueli Paz, líder do Assentamento Alegre. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira em 2005.

maior proximidade com a vida e a rotina dessas mulheres, e tomá-las como amostra do universo das mulheres líderes, a pesquisa delimitou um grupo pequeno, para observá-lo melhor. Guimarães (2005) destaca que o trabalho etnográfico caracteriza-se pelo estudo, via observação direta, por um período de tempo delimitado, das formas de um determinado grupo de pessoas viverem e se comportarem: sua cultura, costumes, valores e crenças. Enfim, a maneira de viverem dentro de uma determinada realidade.

Grupos formados por mulheres, no interior do Ceará, conseguiram quebrar preconceitos e conquistar, na prática, direitos que há muito tempo só estavam no papel. A participação em trabalhos como piscicultura, ovinocultura, horticultura, caprinocultura e padaria comunitária (figura 7); a criação de programas de rádio e de times de futebol feminino (figura 3); o direito à identidade e a participação nas reuniões do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e dos sindicatos, são alguns exemplos dessas conquistas. Mas ainda hoje é preciso muita luta para que homens e mulheres vivam – e dividam – uma sociedade mais justa.



*Figura 3 - Lance da partida do Campeonato de Futebol Feminino entre os assentamentos*

*Foto: Fernanda Oliveira - 2005*

## Elas, as mulheres líderes do sertão cearense

*“Um antropólogo pode escrever sobre e com as imagens.”*  
(ANDRADE, 2002, p.54).



*Figura 4 - Sueli Paz, líder do Assentamento Alegre*  
*Foto: Fernanda Oliveira - 2005*



*Figura 5 - “A mulher não significava nada”,*  
*Maria das Dores (Dora), líder do Assentamento Caraúbas*  
*Foto: Fernanda Oliveira - 2005*

Olha a relação dentro de casa, te falo com todas as letras, todo o trabalho é da mulher... E eu não sei quando vai melhorar. [...] De lá para cá estamos nos organizando e conquistando nossos direitos. Ainda temos muitas batalhas a vencer, mas agora são mulheres de todo o mundo, unidas. Será menos difícil [...] temos direitos, mas estão só no papel. Temos que nos unir e lutar para torná-los realidade. (PAZ, 2005).<sup>5</sup>



*Figura 6 - Rocicler Nobre, líder do Assentamento Vista Alegre  
Foto: Fernanda Oliveira - 2005*

É claro que no começo do casamento, logo novinha, o que ele mandava eu fazer, eu fazia. Mas depois eu percebi que não era bem assim. [...] Pois eu vou falar. Porque assentamento tem que ter coletivo, tem. Eu falo enquanto eu tiver aqui, porque o coletivo não vai se acabar fácil assim não, porque eu insisto. Vai continuar, vai! Porque é obrigação do assentamento ter coletivo. Mesmo que os homens não queiram. Tem alguns machistas. A gente já tá quebrando o preconceito deles, mas a gente vai em frente. [...] Se ela quer ser mandada por ele, que seja. Mas eu sempre digo às outras: eu não vou ser mais mandada por homem, porque eu já cansei de ser mandada. A gente tem mais é que combinar. (NOBRE, 2005).<sup>6</sup>

<sup>5</sup>Sueli Paz, líder do Assentamento Alegre. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira em 2005.

<sup>6</sup>Rocicler Nobre. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira em 2005.



*Figura 7 - Padaria Comunitária do Grupo de Mulheres do Assentamento Alegre  
Foto: Fernanda Oliveira - 2005*

## Sobre elas...

Nas entrevistas com cada uma das mulheres foi possível perceber, em seus discursos e comportamentos, o que representava ser líder e como foi – e continua sendo, em muitos casos – difícil buscar uma relação justa dentro da própria casa e na comunidade como um todo.

Sueli Paz é uma das mulheres mais atuantes. Ela é a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e está sempre presente. Visita todos os assentamentos e grupos de mulheres, participa incansavelmente das constantes reuniões entre as comunidades e mobiliza as atividades dos grupos. Além de líder de seu assentamento, o Alegre, Sueli é também a líder das líderes, ou seja, é a mulher responsável pelo andamento dos grupos.

Numa das últimas visitas da pesquisa ao sertão, em novembro de 2006, Sueli foi encontrada na cidade de Quixeramobim, fazendo parte de um programa na rádio Campo Maior, uma das maiores emissoras da região. O programa do qual a líder participava é semanal, vai ao ar nos sábados, às 11h, e versa sobre agricultura. Ele é apresentado pelo presidente dos trabalhadores rurais e por Sueli, que representa as mulheres.



Um de seus objetivos é levar aos homens e mulheres do campo informações e questionamentos acerca dos projetos dos assentamentos e relações políticas da cidade.

Nas entrevistas, Sueli falou da carga de trabalho e do acúmulo de atividades que recaem sobre as mulheres. Em seu caso, além de presidente da associação e líder de seu assentamento, também é a responsável por todos os afazeres domésticos, mais as funções de mãe e esposa. Ela destacou importantes conquistas das mulheres nos assentamentos: o reconhecimento de sua força de trabalho e o direito de serem ouvidas e respeitadas nas reuniões da comunidade. Mas ressaltou que, dentro de casa, ainda falta conquistar a participação dos maridos nas atividades domésticas, dividindo com elas o trabalho, sendo mais presentes e companheiros, de forma a aliviar sua dupla jornada de trabalho.

No sertão cearense, a mulher agora luta contra o estigma de “dona de casa”. Para tanto, busca maior informação e participação sindical (figura 8). Ela se mostra informada e interessada não só pelas tarefas domésticas, mas também no que diz respeito à sua terra, seus direitos, sua cidadania. De acordo com Portella (2004), a contribuição da mulher para a produção e reprodução familiar rural – e como elas articulam suas atividades produtivas, com participação em movimentos de defesa do vínculo à terra – tem se proliferado e consolidado ano após ano. Segundo a autora (p.55), “em um duplo movimento, as mulheres rurais mantêm a sua organização autônoma e constroem novas formas de participação em diferentes movimentos sociais”. Um palpável exemplo desta nova realidade é o aumento significativo do número de mulheres sindicalizadas, notadamente nos anos de 2000 e 2001, período em que houve, por parte das trabalhadoras, uma tentativa – bem sucedida – de institucionalizar a perspectiva da igualdade de gênero nas políticas de desenvolvimento rural.

Nas entrevistas da pesquisa, Maria das Dores alongou sua história. Contou que, mesmo antes da existência do assentamento, quando era empregada da dona da fazenda (onde hoje é o assentamento) já sentia “correr o sangue da liderança” em suas veias: estava sempre “brigando” por seus direitos e liderando a formação de grupos de jovens e de

trabalhadores rurais. Dôra, como é chamada, sempre esteve à frente dos grupos de sua comunidade, mas destacou que a consciência de seus direitos de mulher e da importância da mulher nas atividades produtivas só passou a ter com a criação do assentamento e a formação do grupo de mulheres, por meio do sindicato dos trabalhadores rurais. Depois disso, disse ela, “minha vida tomou um destino mais político e organizado”.

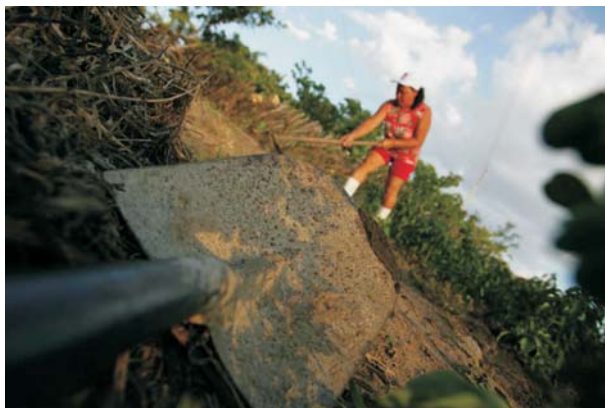


*Figura 8 - Marcha das Margaridas nas ruas de Quixadá, que reuniu mulheres de todos os assentamentos  
Foto: Fernanda Oliveira - 2005*

Hoje, o grupo de mulheres de seu assentamento, o Caraíbas, mantém criação de galinhas, de peixes (piscicultura), horta, plantação de milho, além de outras atividades (figura 9). No começo, o marido de Dôra questionava o fato de ela estar deixando os afazeres domésticos para “servir o pessoal lá de fora”.

Porque quando foi no começo que quando eu comecei a trabalhar assim na associação, o Chagas dizia mesmo assim: “Mulher, tu deixa tuas atividades de casa pra tu tá servindo o pessoal lá de fora.” Aí eu sentia assim um pouco sem saber o que fazer, se eu fazia as minhas atividades de casa ou se ia fazer as atividades do assentamento. Aí, eu me sentia sem saber por onde eu ir. (DORES, 2005).<sup>7</sup>

<sup>7</sup>Maria das Dores. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira em 2005.



*Figura 9 - Horta no Assentamento Caraúbas  
Foto: Fernanda Oliveira - 2006*

Segundo Dôra, isso durou pouco tempo, pois assim que percebeu que o assentamento havia ganhado organização e produtividade com a presença e o trabalho das mulheres, o próprio marido se tornou um de seus maiores apoiadores e, muitas vezes, ajudava-a em seus afazeres domésticos.

A mesma dificuldade com o marido, no início, também foi enfrentada por Rocicler Nobre, do assentamento Vista Alegre. Ela relatou que tinha vontade de participar, mas não o fez porque os homens, inclusive seu marido, não aceitavam a presença de mulheres nas reuniões. Até então, limitava-se aos afazeres domésticos e ajudava o marido na roça, cuja produção respondia apenas pelo consumo da família. Numa das reuniões, ela resolveu aparecer para participar, falar e votar. Os homens não a deixaram entrar; seu marido, lá presente, disse-lhe que aquele não era seu lugar. Ela perguntou aos homens por que não podia falar, se trabalhava como eles. Um deles respondeu que nem associada ela era, pois não pagava a mensalidade da associação e, portanto, não poderia falar. A partir deste dia, Rocicler pagou a associação e começou a falar.

No início, enfrentou preconceitos dentro e fora de casa. Rocicler disse que foi preciso “enfrentar” seu marido até ele aceitar a nova situação. Houve uma série de desentendimentos, mas ela estava decidida

que “não iria ficar calada, não”. A própria pesquisadora pôde constatar, ao participar das reuniões do assentamento, do grupo de mulheres e do Incra, que Rocicler enfrentava a autoridade do marido. No entanto, ali, nas reuniões, ele é apenas mais um, igual a ela, e pode ser voto vencido. Mas nas entrevistas realizadas em casa, era notório que ela mudava sutilmente a postura e era cuidadosa. No lar, continuava a ser uma “dona de casa” que cuidava com atenção e carinho do marido, de sua comida e suas roupas. Rocicler convive com o contraste. Ela mesma assume que “em casa é uma coisa, nas reuniões é outra”.

Tem, aqui mesmo tem. Aqui mesmo tem mulher que nem vai para a reunião. Porque o marido diz, aqui mesmo próximo, o marido diz que lugar de mulher é na cozinha e ela vai na cabeça dele. [...] Se ela quer ser mandada por ele, que seja. Mas eu sempre digo às outras. Eu não quero ser mais mandada. A gente tem mais é que combinar e não ser mandada. (NOBRE, 2005).<sup>8</sup>

Nos relatos e entrevistas da pesquisa, é perceptível que os discursos de Rocicler muitas vezes são contraditórios ao seu comportamento. No entanto é interessante observar que sua atitude espelha sua realidade: a de uma mulher que ama seu marido, mas tem que enfrentar o preconceito de sua comunidade, inclusive dentro de sua própria casa.

Desse problema não padeceu Maria de Araújo, do mesmo assentamento (o Vista Alegre). Ela disse não haver encontrado resistências dentro de casa; que o marido “não gostava muito, não”, mas também não reclamava: “Achava mesmo era engraçado esse negócio das mulheres todas reunidas.”

Ele não acreditava na gente, por isto não ligava. Depois quando o grupo foi tendo resultados, e a nossa padaria (figura 10) foi dando certo, a gente vendia pão aqui para uma comunidade vizinha, e a nossa criação de galinhas foi crescendo, aí mudou né...(ARAÚJO, 2007).<sup>9</sup>

<sup>8</sup>Rocicler Nobre. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira em 2005.

<sup>9</sup>Maria de Araújo. Entrevista concedida à Fernanda Oliveira em 2007.



*Figura 10 - Padaria comunitária do Assentamento Vista Alegre  
Foto: Fernanda Oliveira - 2007*

Hoje, Maria não falta a nenhuma reunião do grupo. Sempre que são promovidos encontros de mulheres, passeatas, trabalhos, ela está presente. Diz que realmente gosta de participar e que uma de suas maiores alegrias é o grupo. Ela foi uma das mulheres com quem a pesquisadora mais manteve contato entre 2006 e 2007. Em razão dessa intensidade, foi possível perceber que, de fato, o relacionamento dela com seu marido é muito tranquilo e respeitoso. Eles se ajudam, conversam, namoram, riem muito e mantêm, com isso, um clima bastante descontraído.

Era comum durante as visitas em algumas comunidades – num momento em que praticamente todas as comunidades sabiam da pesquisa e da presença da pesquisadora – os homens perguntarem entre si “o que essa mulher tá fazendo aqui?” E eles mesmos, entre sorrisos e risos

responderem, ou pelo menos especulem: “Ah um livro sobre as mulheres, é?”

Também era comum, quando a pesquisadora estava entrevistando as mulheres dentro de suas casas (a pesquisadora passava muitas vezes o dia todo na casa das entrevistadas), perceber que a relação ficava um pouco tensa. Os maridos, não raro, ficavam andando de um lado para o outro enquanto suas mulheres falavam das relações dentro e fora de casa, e mesmo sobre eles. Em alguns casos, no entanto, o marido ficava apenas sentado ali por perto, assistindo e ouvindo tudo, tranqüilo.

E assim, desta forma, as mulheres vão construindo novas relações no Sertão Central; umas com mais apoio familiar, outras com menos, outras sem nenhum, alguma sequer participam. O que importa, todavia, é a evidência palpável de que existem mulheres que se descobriram – e atuam como – líderes no sertão e têm contribuído para mudanças significativas nas relações de gênero e de trabalho no Ceará.

Hoje, a mulher do sertão cearense tem identidade e direito de registrar a terra em seu nome. Ela goza de respeito, voz e voto nas reuniões do Incra. Participa das decisões de sua comunidade, planta, pesca e comercializa. Aos poucos, mas de forma gradativa e irreversível, conquista seu espaço. Mesmo diante de uma cultura ainda relativamente machista, ela exige seus direitos e reconhecimento. Ela existe.

Longe de ser unanimidade, ainda existem nessas comunidades mulheres que sequer participam das decisões, que têm medo de ir às reuniões por causa de seus maridos “porque lugar de mulher é em casa, na cozinha”. Mas, graças à coragem e iniciativa de tantas outras, aos poucos se constrói uma nova realidade no sertão. E essas mulheres líderes, que estão escrevendo uma nova página na história do estado, foram as protagonistas deste trabalho. Mulheres como Sueli, Rocicler, Dôra e Maria que, em primeira instância, representam tantas outras mulheres incógnitas nos sertões mas que, com certeza, também estão lutando por seus direitos.

## Considerações finais

A fotografia, durante décadas, foi utilizada pela antropologia apenas como auxiliar de pesquisas, uma espécie de registro “precioso” da realidade. Porém, após anos e anos de trabalho, a antropologia atribuiu novos valores à fotografia e ambas uniram forças numa aliança imprescindível para o amadurecimento científico. Hoje, existe uma categoria de fotografia extremamente relacionada à antropologia – a fotografia etnográfica, reconhecida e utilizada como instrumento de pesquisa de etnias.

O propósito deste trabalho, desenvolvido nos assentamentos do Projeto Dom Hélder Câmara, no sertão cearense, foi utilizar a fotografia etnográfica para retratar e estudar a realidade vivida pelas mulheres líderes frente às relações de gênero e às mudanças que vêm ocorrendo dentro dos assentamentos, num primeiro momento, e no interior do estado do Ceará, por extensão.

Atenta aos ensinamentos de Collier Junior (1973), de que o pesquisador tem que ser seletivo, a pesquisadora conduziu a pesquisa com atenção e receio. Atenção para evitar que informações importantes da realidade das mulheres líderes passassem despercebidas; e receio de que as “seleções” ganhassem caráter pessoal e deixassem de ser representativas do universo pesquisado. Guimarães (2005) diz que a intuição é um forte aliado do etnógrafo. E, com certeza, a intuição, muitas vezes, foi determinante para a pesquisa e a produção das fotografias. A fotografia foi um poderoso instrumento de coleta de dados no trabalho de campo. Ela apreendeu a realidade vivida pelas mulheres líderes do PDHC; registrou momentos que retratam as mudanças, mapeou fatos, documentou as mulheres em suas novas rotinas de vida.

A fotografia contribuiu – em muito – para mostrar as mulheres que querem e buscam mudanças no sertão cearense, que participam de transformações históricas na região. Sem a câmera fotográfica, muitas informações não teriam sido levantadas. A fotografia foi essencial para atingir os objetivos da pesquisa.

Uma surpresa interessante durante a realização do trabalho foi perceber que as imagens representavam com precisão os depoimentos colhidos em entrevistas pessoais e os estudos preliminares realizados para a pesquisa. As imagens parecem fielmente remissivas às pesquisas bibliográfica e de campo. Provavelmente, essa relação tenha sido atingida em razão do envolvimento da pesquisadora com o objeto de estudo, as mulheres líderes. Malinovski (1962 apud ANDRADE, 2002) diz que o etnólogo deve vivenciar e experimentar a cultura da população estudada, que a sociedade tem que ser pesquisada como uma totalidade, no momento em que é observada.

E essa observação foi realizada pelas lentes da câmera fotográfica, operada por uma fotógrafa etnográfica, que, antes e acima de tudo, respeita a fotografia enquanto instrumento da ciência.

*“O sertão me inspira, me intriga, me inquieta.  
Me deixa sincera.  
Ao mesmo tempo que traz tantas verdades  
diferentes da minha, me faz sentir em casa.  
Sou daqui, sim “sinhor”.  
Sou dali da cidade e daqui do sertão. Sou do Ceará.  
E ele é meu também.  
Esse povo, essa gente, é gente nossa.  
Assim como a gente sente o sol encarnar na pele, o bafo quente,  
a gente sente que sente o mesmo amor à terra.  
Me aproximo, assisto, registro, e me despeço.  
É assim a pesquisa, a realidade dos pesquisados  
e a realidade do pesquisador.”<sup>10</sup>*

---

<sup>10</sup>Fernanda Oliveira. Registro no Diário de Campo, datado de 11 de novembro de 2006.



## Referências

- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia**: olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- COLLIER JÚNIOR, John. **Antropologia visual**: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: Edusp, 1973.
- DARBON, Sébastien. O etnólogo e suas imagens. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam Lifchitz Moreira (Org.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GUIMARÃES, Carmen. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Fortaleza, 04 out. 2005. Disponível em: <<http://www.uerj.com.br>>. Acesso em 04 out. 2005.
- LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Texto visual e texto verbal. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam Lifchitz Moreira (Org.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998.
- PEIXOTO, Socorro. **As relações de gênero no semi-árido**: diagnóstico do território do sertão central do cearense. Fortaleza: Esplar Centro de Pesquisa e Assessoria / Projeto Dom Hélder Câmara, 2004.

PORTELLA, Ana Paula; SILVA, Carmem; FERREIRA, Simone.  
**Mulher e trabalho na agricultura familiar.** Recife: SOS Corpo –  
Gênero e Cidadania, 2004.

SAMAIN, Etienne: **O fotográfico.** São Paulo: Hucitec / Senac, 2005.